



**O DISCURSO NAS FRONTEIRAS DO SOCIAL:  
DIFERENTES MATERIALIDADES SIGNIFICANTES  
E TECNOLOGIAS DE LINGUAGEM**

**DISCOURSE AT THE FRONTIERS OF THE SOCIAL:  
DIFFERENT SIGNIFICANT MATERIALITIES  
AND LANGUAGE TECHNOLOGIES**

Suzy Lagazzi<sup>1</sup>  
Guilherme Adorno<sup>2</sup>  
Rogério Modesto<sup>3</sup>  
Mirielly Ferraca<sup>4</sup>  
Liliane Souza dos Anjos<sup>5</sup>  
Flavio da Rocha Benayon<sup>6</sup>  
Romulo Santana Osthues<sup>7</sup>

**Resumo:** Este artigo apresenta o percurso do grupo de pesquisa *O discurso nas fronteiras do social: diferentes materialidades significantes e tecnologias de linguagem*. Num trajeto de quase 20 anos, o grupo tem como fio condutor a discussão do social em suas diferenças constitutivas, trabalhando a resistência do sujeito em objetos simbólicos diversos. Sob a perspectiva da Análise do Discurso Materialista, damos especial relevo, aqui, a análises que dão visibilidade a sentidos em confronto em nossa sociedade, em práticas coercitivas muitas vezes normalizadas como necessárias, marcadas por relações de força que nem sempre se mostram em sua violência simbólica.

**Palavras-chave:** materialidades significantes; resistência simbólica; confrontos discursivos.

---

<sup>1</sup> Professora Assistente Doutora Aposentada, Colaboradora Voluntária, Universidade Estadual de Campinas, Unicamp, Campinas, SP, Brasil. slagazzi@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0869-0985>

<sup>2</sup> Doutor em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas, Unicamp, Campinas, SP, Brasil. guiadorno1@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5999-4906>

<sup>3</sup> Professor Adjunto A da Universidade Estadual de Santa Cruz, UESC, Ilhéus, BA, Brasil.

roger.luid@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3762-3431>

<sup>4</sup> Professora Adjunta da Universidade Federal do Paraná, UFPR, Curitiba, PR, Brasil.

miriellyferraca@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7041-096X>

<sup>5</sup> Professora Assistente Doutora da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Unesp, Bauru, SP, Brasil. lilianesouzaanjos@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9763-9166>

<sup>6</sup> Professor Adjunto da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, UFMS, Aquidauana, MS, Brasil.

fbenayon2@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7965-4239>

<sup>7</sup> Assessor na área de comunicação - editor do ARTIGO 19 Brasil e América do Sul.

romulo.osthues@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7479-9941>

**Abstract:** This article presents the course of the research group *The discourse at the frontiers of the social: different signifying materialities and language technologies*. In about 20 years, the group has discussed 'the social' in its constitutive differences as a common thread, working on the theme of the resistance of subjects from various symbolic objects. From the perspective of Materialist Discourse Analysis, here we emphasize analyses that spotlight confronting meanings in our society, in coercive practices often normalized as necessary, marked by force relations that do not always show their symbolic violence.

**Keywords:** signifying materialities; symbolic resistance; discursive confrontations.

## NAS FRONTEIRAS DO SOCIAL, AS DIFERENTES MATERIALIDADES SIGNIFICANTES

Somos um grupo de pesquisa<sup>8</sup> que analisa a linguagem em movimento na história para compreender, nesse movimento, um pouco mais do social em suas diferenças constitutivas. Procuramos trazer para o coletivo sentidos de uma prática que busca a autoria em interlocução, na diferença, para que os olhares e as escutas que integram nosso grupo possam nos ajudar a falar de um social plural, diverso, que precisa ser discutido com sensibilidade.

Ter em foco a diferença nos permite relativizar sentidos hegemônicos naturalizados e sempre repetidos, que imobilizam as relações sociais em interpretações legitimadas por quem tem esse poder de legitimação. O que nos interessa, discursivamente, é colocar diferentes interpretações em confronto, para que possamos ser afetados por sentidos que nos escapam, para que novas escutas tenham espaço. A alteridade é o nosso parâmetro. Basta retomarmos Saussure (1972 [1916]), com o conceito de *valor*, para termos a dimensão da importância de considerarmos a diferença nos estudos da linguagem.

Desde sua proposta inicial, o grupo *O Discurso nas Fronteiras do Social: diferentes materialidades significantes e tecnologias de linguagem* foi mobilizado pelo desafio de discutir as relações sociais em suas fronteiras constitutivas, desafio que se ampliou pela vontade de acolher, pelo dispositivo discursivo materialista, análises de documentários e filmes. Tratava-se de analisar o social, naquele momento, também em suas imagens, sempre aproximando o confronto e o conflito da contradição, de modo a dar à resistência do sujeito um lugar consequente e afastado de dicotomias opostas. O trabalho analítico – que já tinha sido significativo na relação com o discurso verbal, nos permitindo chegar à noção de *juridismo* pelo discurso cotidiano (LAGAZZI, 1988), e também tinha nos dado a possibilidade de compreender melhor, na discursividade do assentamento do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), o funcionamento do coletivo na contradição (LAGAZZI, 1998) – nos instigava na relação com diferentes materialidades significantes, “diferentes modos significantes pelos quais os sentidos se formulam por e para os sujeitos” (LAGAZZI, 2011).

Nesse investimento analítico inquieto, ir além da oposição foi um ponto de grande insistência, para fazer compreender que resistir não se restringe a se opor a algo. O conjunto dos trabalhos do grupo, hoje, nos permite ter a dimensão do quanto o sentido de resistência teve espaço de deriva, com consequências importantes para reiterar a posição discursivo-materialista.

Os sentidos fazem resistência no sujeito, seja por um estranhamento, por algo que parece fora do lugar, um troço linguageiro, um sentido inusitado, o “outro” que

---

<sup>8</sup> *O discurso nas fronteiras do social: diferentes materialidades significantes e tecnologias de linguagem* é um grupo de pesquisa inscrito no CNPq e sediado no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL/Unicamp), integrado ao centro de pesquisa *Política, Enunciação, História, Materialidades e Sexualidades (PoHEMaS)*.

redimensiona o nosso “eu”. Precisamos da escuta na deriva dos sentidos. Entender a resistência como possibilidade de o sujeito reconhecer-se em relações que até então não o haviam mobilizado, identificar-se com novos sentidos, é compreender a resistência no espaço do simbólico, como “resistência simbólica” (LAGAZZI, 2019). A resistência do sujeito se faz na linguagem. Escutar o diferente e estranhar o mesmo nos dá a possibilidade de novas perguntas e novas respostas, novas propostas, novos projetos. Queremos olhar para o sujeito no movimento dos sentidos e colocar o social em questão.

De que social falamos? Do que falamos quando o social nos mobiliza? São perguntas que nos provocam na evidência do efeito de unidade, efeito de homogeneidade que ignora a alteridade como constitutiva do social. Portanto, falamos de relações sociais partidas, divididas, não plurais, porque não há espaço para a pluralidade quando as relações de força fazem calar, silenciam e coagem. Há tensão. Há conflito. Há confronto. Falamos de sujeitos apartados em fronteiras de sentidos, que podem ser mais ou menos porosas, mais ou menos estabilizadas. Falamos de um social que resiste. A resistência do sujeito, na linguagem, tem espaço no social. Um social que resiste à mudança, um social que resiste na mudança, um social que resiste para a mudança. A resistência no social se marca em muitas e diferentes formulações, em objetos simbólicos os mais diversos.

O trajeto do grupo pela resistência no social é amplo. Trabalhada na materialidade da imagem em documentários e filmes, a resistência nos permitiu dar consequência à relação entre o intradiscurso e o interdiscurso, com relevo para o gesto analítico fundamental de remeter as formulações discursivas à memória discursiva nas diferentes materialidades significantes trabalhadas (LAGAZZI, 2015). A partir dessa prática analítica com a imagem, fomos abrindo possibilidades de acolher, pelo dispositivo discursivo, trabalhos em “composições materiais” diversas, em que a “imbricação de diferentes materialidades significantes” (LAGAZZI, 2009) pode nos dizer sobre o funcionamento da resistência nas fronteiras do social.

Insistimos sobre a composição material não como uma complementaridade em que se somam diferentes elementos, mas sim como uma imbricação em que a incompletude constitutiva das diferentes linguagens coloca a interpretação em movimento, pela contradição, sendo que as relações de sentido vão se produzindo na intersecção de uma materialidade com as outras. Por exemplo, em algumas análises, realçamos o funcionamento discursivo se produzindo no conjunto da imagem afetada pela musicalidade, pelos enunciados verbais em tela no contraste entre o branco e o preto, pelo silêncio no contraponto com as várias sonoridades... Trata-se de uma afetação conjunta, em que a “ancoragem do olhar em suas possibilidades de captura simbólica” (LAGAZZI, 2021) se faz uma ferramenta importante. Cada vez mais, buscamos refinar nossos procedimentos analíticos, dando consequência ao batimento entre a descrição e a interpretação.

Entre os muitos desdobramentos do trabalho com a diferença no social, pela resistência, um deles toca a discussão das tecnologias de linguagem.

## **A LINGUAGEM EM SUAS TECNOLOGIAS**

Nos últimos anos, o grupo tem sido mobilizado a pensar o funcionamento discursivo também a partir de um olhar para as tecnologias na sua relação imbricada com as linguagens em condições adversas. Uma atenção para as especificidades técnicas, sem higienizar o olhar, excluindo as condições materiais de formulação, circulação e constituição. Não se trata de caracterizar, portanto, o funcionamento generalista da fotografia, do cinema, da televisão ou das redes sociais, mas compreender como tais

tecnologias se atravessam na produção discursiva, isto é, o modo como a fotografia funciona no artístico (NECKEL, 2010) não é equivalente ao funcionamento da fotografia de manifestações sociais (OSTHUES, 2023); o vídeo de vlog no YouTube não é equivalente a um vídeo de um documentário autobiográfico (CORRÊA, 2020); a composição de um infográfico no jornal impresso não equivale à composição digital do infográfico (NUNES, 2012) e assim por diante. Mais uma vez, é uma ênfase sobre as diferenças materiais de um social dividido e atravessado também pelas múltiplas tecnologias de linguagem.

É justamente sobre a divisão política da língua que trata o trabalho *Visualizar, ler e compreender o dicionário Priberam* (ADORNO, 2018). Analisamos o modo de estruturação do dicionário Priberam, um dicionário digital de Língua Portuguesa, e sua historicização no processo de gramatização e automatização de uma língua, tomando como um dos recortes o que designamos ferramentas lexicográficas digitais, isto é, um “domínio discursivo no dicionário” (NUNES, 2006) afetado especificamente pelo digital. Compreendemos a maneira como a tecnologia atravessa a formulação e a circulação do dicionário ao discursivizar sobre a língua. Olhando especificamente para onde a tecnologia digital falha (presença de línguas não previstas através da busca automática dos exemplos de alguns verbetes), descrevemos as possibilidades que o dicionário, como um instrumento linguístico histórico legitimado, trabalha as relações de poder simbolizadas na linguagem.

Na tese *Discursos sobre o eu na composição autoral dos vlogs* (ADORNO, 2015), exploramos o modo como o “eu” discursiviza suas formas imaginárias (identidade, individualidade e autenticidade) na relação com esse espaço digital de leitura-escritura que é o YouTube, buscando compreender a imbricação das diferentes materialidades nesse funcionamento discursivo específico, constituído por ritualizações e suas falhas. Na construção heterogênea do arquivo e no processo de descrição e interpretação do material, tivemos de lidar com questões relacionadas à autoria, à textualização em vídeo pela composição entre língua, imagem, corpo e musicalidade, ao embate entre uma administração política do digital e a força histórica dos direitos autorais e aos processos de legitimação próprios das novas mídias. Compreendemos a historicidade e a atualização do lugar de dizer e formular o “eu” em laços equívocos com o social.

Ainda em torno da plataforma de vídeos, o trabalho *O sujeito discursivizado como empresa no YouTube: trabalho e condições (digitais) de produção* (ADORNO; NOGUEIRA, 2023) intentou investigar os modos de imbricação e/ou separação entre o sujeito (trabalhador) e a empresa. Por um lado, a pesquisa mostrou que não se trata apenas de uma relação trabalhista, mas também um lugar de dizer estruturado e sustentado pela ligação com o YouTube, significado, contraditoriamente, como um espaço democrático de dizer (espaço público) e uma empresa (espaço privado). Novamente, os direitos autorais no digital compõem-se como um locus produtivo de análise.

Para além das questões ligadas a uma produção discursiva da contemporaneidade, o grupo, ao se perguntar sobre o funcionamento das tecnologias de linguagem, busca também pensar os efeitos delas na produção histórica do conhecimento. O trabalho *Algoritmizar a língua?: automatização, informatização, materialismo discursivo* (ADORNO, 2019) objetivou compreender o funcionamento das dificuldades e dos obstáculos decorrentes dos procedimentos automáticos no desenvolvimento da teoria discursiva, tendo como horizonte a complexa história da Linguística e suas múltiplas viradas entre as décadas de 1960 e 1980, na França. Descrevemos o modo como Michel Pêcheux e o coletivo de trabalho junto a ele estabeleceram alianças teóricas e deslocamentos durante a formulação do que hoje conhecemos como Análise de Discurso (AD). Um modo de compreender as continuidades e descontinuidades dos sentidos de

língua, texto e discurso que atravessam o projeto da Análise Automática do Discurso. Um jogo de relações equívocas e contraditórias da prática teórica, analítica e técnica da AD no contraste entre a singularidade e as possíveis generalizações na produção do conhecimento.

Enfim, um conjunto inicial de trabalhos que, aos poucos, se junta a uma produção coletiva para problematizar as relações de linguagem afetadas por tecnologias que materializam outras formas de produzir identificações do sujeito com os sentidos.

## MOVIMENTOS (D)E RESISTÊNCIA E O FUNCIONAMENTO DA DENÚNCIA

Na pesquisa de mestrado *Movimentos (d)e resistência no espaço urbano* (MODESTO, 2014), questionamos os modos pelos quais os movimentos sociais, mais especificamente os movimentos sociais urbanos, produziam sentidos em torno de uma resistência que atravessa o social da cidade e os sujeitos cidadãos. Nossa preocupação concentrou-se em entender o que, na produção de sentidos que se articula a partir desse tipo de movimento social, significa resistir e como a significação dessa resistência se relacionaria com o próprio espaço urbano e com os sujeitos que nele vivem.

Nessa pesquisa, o recorte dado considerou a produção discursiva de dois movimentos sociais urbanos da cidade de Salvador (BA), os quais, pelo menos entre os anos 2010 e 2014, foram fundamentais em pautar disputas sociais (e conseqüentemente de sentido) na capital do estado baiano. Influenciados pela onda de movimentos contemporâneos que surgiram a partir da Primavera Árabe e dos *Occupy*<sup>9</sup> que se espalharam pelo mundo, o *Movimento Desocupa* e o *Movimento Ocupa Salvador* insistiam na saturação dos sentidos de resistência popular.

Nossa análise nos permitiu concluir que os discursos desses movimentos operavam com uma regularidade que se estruturava a partir do jogo instituído entre *conflito* e *conciliação*. Uma regularidade dada na contradição entre, por um lado, textualizar o conflito constitutivo de um social dividido e, por outro, *ao mesmo tempo*, sustentar o pré-construído da solidariedade e do consenso que, no fim, dá condições para a manutenção de um sistema que apenas se imagina desconstruir. É esse resultado de análise que nos permitiu propor o *efeito de resistência* (MODESTO, 2014, p. 155), conceito através do qual delimitamos o funcionamento discursivo que se dá entre a busca pelo novo (a partir do antagonismo marcado) e a ratificação do mesmo (pela reafirmação dos aparelhos que mantêm as estruturas sociais vigentes em seus lugares).

Os resultados nos permitiram formular, desta vez no doutorado, uma pergunta que tomou a denúncia no social como objeto de análise. Se o efeito de resistência colocava em questão funcionamentos discursivos de antagonismo marcado e projetado como prática de resistência, seria a denúncia um desses espaços que dividem posições-sujeito (denunciante-denunciado) por uma disputa de sentidos pela imposição de sentidos *verdadeiros*?

Dessa pergunta inicial, foi possível chegar a um gesto de análise que culminou na escrita da tese “*Você matou meu filho*” e outros gritos: um estudo das formas da denúncia (MODESTO, 2018), em que buscamos compreender o funcionamento discursivo da denúncia nas fronteiras do social. Nossa escuta recaiu sobre o

---

<sup>9</sup> Inspirados pelo *Occupy Wall Street*, foram movimentos que protestavam contra as desigualdades sociais e econômicas provocadas pelo chamado “capitalismo predatório”, capitaneado pelas grandes empresas multinacionais e globalizadas. Esses movimentos adotaram como metodologia de atuação “ocupações de praças, uso de redes de comunicação alternativas e articulações políticas que recusavam o espaço institucional tradicional” (CARNEIRO, 2012, p. 8).

acontecimento de denúncias em condições de produção diferentes das do aparelho jurídico formal de nossa formação social capitalista. Tratou-se, assim, de analisar a denúncia como desdobramento de práticas sociais que textualizam as tensões produzidas nas relações sociais que são sustentadas na evidência do antagonismo.

A partir das noções de *sujeito-de-direito* e de *juridismo* (LAGAZZI, 1988), concebemos a denúncia como uma discursividade que se desenvolve no social e se materializa de diferentes formas, justamente porque, no processo de interpelação dos indivíduos em sujeitos, essa discursividade se apresenta como transparente e inequívoca. O conceito de *formas da denúncia* irrompeu no nosso processo de formulação teórica para dar visibilidade a um funcionamento discursivo que não se restringe ao domínio do discurso jurídico (domínio em que a denúncia é um instituto do direito penal, uma formalidade processual), mas que “acontece” em diferentes formas materiais. As noções de *materialidade* e, conseqüentemente, de *forma material* foram fundamentais para essas formulações tanto porque elas permitiram romper com a separação forma e conteúdo, quanto porque elas possibilitaram uma abertura de compreensão em que o jurídico (enquanto instituição localizada formalmente) dá lugar ao juridismo (o funcionamento da ordem jurídica implicitado no cotidiano).

A montagem de um arquivo amplo e materialmente diversificado permitiu três gestos de análise. No primeiro, nós nos dedicamos à escuta de diferentes testemunhos de mães, mulheres negras, moradoras de periferias que denunciavam os assassinatos de jovens negros cometidos pela Polícia Militar brasileira. No segundo gesto, nós nos debruçamos sobre a figura discursiva do porta-voz, pois os testemunhos analisados estavam em circulação em virtude do trabalho dessa figura. No terceiro e último gesto de análise, diferentes materialidades significantes foram convocadas para dar consequência ao fato de que a denúncia se textualiza por diferentes gestos, diferentes formas materiais.

Nos dois primeiros gestos analíticos, compreendemos o funcionamento da denúncia no batimento que se dá nas diferentes possibilidades de (não) relação entre um *eu-nós* e um *eles*, marcada pelas divisões e contradições que atravessam o social e que se materializam a partir da institucionalização do racismo em funcionamento pulsante face ao fato de que a “tensão racial é um problema constitutivo à formação social brasileira, tendo em vista o modo de produção que a domina” (MODESTO, 2021, p. 2). No último, foi possível trabalhar a evidência da denúncia sendo materializada tanto em cenas que se repetem no social como na materialidade significativa vocal, que também formula sentidos produzidos pelo discurso da denúncia.

## **A RESISTÊNCIA NA CONTINGÊNCIA DO ORDINÁRIO DO SENTIDO**

Dando continuidade à compreensão da resistência numa tomada discursiva materialista, a tese (*R*)*esistir no Jardim Itatinga: laços entre sujeitos e espaço urbano* (FERRAÇA, 2019) buscou dar visibilidade ao modo como, pelo cotidiano, os sujeitos (*r*)*esistem* na cidade.

O trabalho parte de entrevistas realizadas com sujeitos que moravam e/ou trabalhavam no Jardim Itatinga, Campinas (SP), bairro construído a partir de uma ação higienista do poder público com o objetivo de “confinar” a prostituição nas franjas da cidade, no final da década de 1960. Foram 12 os entrevistados e todos estabeleciam diferentes relações de trabalho no bairro, sendo atravessadas pela prostituição.

Na grafia de (*r*)*esistência*, vida e revolta. O entrelaçamento dos dois significantes busca significar a relação que o sujeito estabelece com a cidade, pelo cotidiano, em um

social conflituoso: uma existência que encontra resistência, uma resistência que se dá pela existência. Na similitude do som, os sentidos se imbricam, embaralham-se, recobrem-se.

Em *Delimitações, inversões, deslocamentos*, Pêcheux (1990) define as resistências, assinalando o descompasso e os deslizamentos de sentidos que o imprevisível produz, furando a ordem das regras e dos rituais. Assim, é por não considerar a resistência um ato voluntarista, idealista, individual ou mera oposição, que a proposta da formulação (*r*)*esistência* visa a significar o modo como o sujeito encontra brechas possíveis para se movimentar pelo cotidiano cidadão, produzindo “furos no social” (LAGAZZI, 2019).

Para chegar à compreensão da (*r*)*esistência*, destaca-se dois pontos analíticos: a) o funcionamento da elipse em *casa* [de prostituição], *casa* [de família], *dona de casa* [de prostituição] e *dona de casa* [de família]; e b) a tensão na relação prostituição e trabalho.

Visto que a sintaxe não é indiferente à ordem do discurso, a análise dessas formulações permitiu colocar em causa a leitura linear, sequencial e horizontal comumente realizada da elipse, definida como a falta de um termo que pode facilmente ser subentendido pelo contexto, como se o sentido fosse unívoco e inescapável, como se o sujeito pudesse completar a lacuna aberta pela elipse sem margem de erro. A leitura que se procurou fazer foi aquela que questionava o encadeamento e a linearidade do fio discursivo, abrindo as relações horizontais e verticais a partir do encontro entre intradiscurso e interdiscurso. A elipse é, desse modo, encarada como o ponto onde língua e memória se tocam, chocam-se pelo equívoco de sentidos que transitam na fatura sintática. Assim, pela elipse, os sentidos de *casa* [de prostituição/ de família] e *dona de casa* [de prostituição/ de família] se confundem e, na confusão, práticas e espaços são ressignificados. Pela brecha sintática, o sujeito se inscreve desestabilizando a leitura una, produzindo outras formas de reconhecimento com o espaço de trabalho e morada.

Nessas condições de produção e de existência, a prostituição organiza as relações sociais no Jardim Itatinga, movimentando os sentidos. Assim, as práticas empregatícias, muitas delas informais, funcionam a partir de um modo de organização outra de tempo e de espaço. Destacamos a profissão da *cuidadora* que, semelhante a uma *babá*, exerce os cuidados diários de crianças, filhas e filhos das prostitutas que no bairro trabalham. No entanto, a jornada de trabalho não é medida por uma carga horária específica, nem há um contrato trabalhista que estabelece hora extra e descanso semanal. A *cuidadora* ficava com as crianças em sua casa durante toda a semana, dando conta das demandas educacionais, médicas, de higiene e alimentação. Às vezes, as mães viam os filhos aos domingos. Às vezes, o cuidado se estendia por anos, até que alguém da família retornava para buscar a criança. O afeto do cuidado vai compondo o trabalho, numa relação outra de existência que encontra formas de resistir frente ao social fraturado, desigual, conflituoso e contraditório. Um (*r*)*esistir* que entrelaça dureza e doçura, vida e trabalho.

A *escuta discursiva* dessas *narrativas de vida* permitiu compreender como (*r*)*esistência* vai se costurando ao cotidiano das cidades. Na continuidade da inquietação que esse trabalho suscitou, o investimento tem sido a reflexão sobre a entrevista em Análise de Discurso, buscando questionar a transparência dos processos metodológicos.

Pêcheux (2015 [1980]), em *Leitura e Memória: projeto de pesquisa*, nos convoca a considerarmos as discursividades orais, apontando para a importância das práticas de leitura de arquivos conversacionais. Dessa provocação e daquilo que advém da pesquisa de tese, a inquietação volta-se para a evidência dos processos metodológicos e instrumentos de pesquisa e a leitura que se faz desse material.

Por que realizar entrevistas? Colocar em causa a obviedade da pergunta permite dar dimensão ética ao interesse do pesquisador e da instituição quando se deseja ouvir o outro, permite dar espessura ao que a proposta de escuta discursiva significa, permite ser responsável diante das narrativas (de vida) compartilhadas, permite refletir sobre o modo

como temos considerado a autoria em trabalhos que realizam entrevistas, permite questionar as ausências que permeiam a história hegemônica, arquivos e bibliotecas, na valorização de saberes, experiências e narrativas outras. Questiona-se também os instrumentos que orientam as entrevistas. Os questionários (estruturados, semiestruturados, não estruturados), desenvolvidos a partir de antecipações e construções imaginárias estabilizadas, muitas vezes, exigem que os sujeitos falem sobre aquilo que apenas o pesquisador quer ouvir. Que relação de escuta estabelecemos quando as perguntas limitam os sujeitos a responderem e a abordarem temas que são somente do interesse dos pesquisadores? Entrevistas extrativistas não realizam escuta.

Essa problematização permite ser consequente com a escuta do social, tendo em vista suas práticas diárias de *(r)existência*, na compreensão do social em conflito, dividido em fronteiras, permeado pela contradição que lhe é constitutiva.

## O SOCIAL AFETADO PELA VIOLÊNCIA

Refletir sobre o social brasileiro é ter de se haver com questões que nos afetam, o que diz de uma escrita cada vez mais comprometida com o potencial revolucionário da prática discursiva. O estudo da relação conflituosa entre o Estado e as comunidades marginalizadas tem sido uma dessas proposições inquietantes. Não à toa procuramos repercuti-la em trabalhos realizados coletivamente, como no texto *Por uma escuta da dor* (MODESTO; ANJOS; BENAYON, 2022), publicado no livro *Afetos em discurso: movimentos dos sujeitos e dos sentidos na história*. Nele, buscamos entender como a dor (des)organiza o social a partir de um olhar para o modo como os sujeitos são afetados pelo luto e pela luta militante.

Igualmente relevante foi a nossa participação no livro *Discurso, Cultura e Mídia: pesquisas em rede* com o texto *Cinismo e necropolítica: práticas discursivas do Estado no caso da menina Ágatha* (ANJOS; BENAYON, 2021). Nessa escrita, discutimos os efeitos da violência do Estado no corpo da favela e de seus sujeitos.

A esses trabalhos soma-se a investigação em torno do funcionamento discursivo de uma promessa assumida juridicamente pelo Estado, a “promessa de pacificação” (ANJOS, 2021). A partir da mobilização de uma série de saberes erigidos no âmbito da Pragmática, temos reivindicado um espaço discursivo para o estudo da “promessa”, tradicionalmente compreendida como um ato de fala, levando em conta sua inscrição na ordem histórica.

Nesse percurso de investigação, as análises de dois materiais – a diretriz ministerial nº 15 de 2010 (BRASIL, 2010), as *Regras de Engajamento para a Força de Pacificação*, e o relatório da Anistia Internacional do Brasil (2016), *A violência não faz parte desse jogo* – promoveram a escuta de processos discursivos bem particulares.

Tendo em vista o funcionamento político da promessa de pacificação, a investigação procurou desconstruir sistematicamente suas condições de felicidade, atentando-se para o jogo no qual a língua de Estado comparece produzindo ilusões referenciais próprias, enlaçando os sujeitos em uma teia imaginária de convicções. Temos nomeado esse mecanismo de “tautologia do performativo”, uma das características do processo de produção de sentidos em questão.

Tautológico e paradoxal, o funcionamento da promessa promove um excesso referencial, reafirmando um compromisso ao mesmo tempo que esconde uma série de ausências. Ao se exceder em sua performance de compromisso para a paz, a promessa silencia a violência promovida pelo Estado, negando, inclusive, a distância simbólica que divide abissalmente favela e asfalto, apagando, por conseguinte, o racismo estrutural aí subsumido.



Tal funcionamento interdita certos direcionamentos simbólicos para a paz. Nessa conjuntura, a paz é impedida de significar ausência das mais variadas violências do Estado, como a falta de acesso à saúde, a desigualdade de oportunidades, o sucateamento e o desmonte da educação pública, por exemplo. A divisão de sentidos promovida pela promessa satura sítios de significação, imobilizando trajetos no social, colocando-se a serviço do desejo de paz do sujeito.

O que está em jogo é uma paz engessada e frágil. Materializado na língua, o desejo de paz toma a forma de um engajamento forjado em contradições históricas e, portanto, incapaz de ser consumado, tal qual uma promessa de amor. O sujeito desejante rende-se à injunção por responsabilização – imposição conferida ao sujeito de direito por uma ordem social capitalista – apelando, assim, para um engajamento aparentemente superior a si mesmo.

Cabe, nesse sentido, especificar essa relação que se impõe no social a partir do funcionamento da promessa de pacificação. O sujeito, ao exigir o cumprimento da promessa, reforça a aliança do Estado, comprometendo-se com uma causa, ao passo que desconhece todo o processo que o coloca em tais condições. Realizado nos sujeitos, o desejo absorvido pela promessa de pacificação se faz socialmente possível. Um trabalho ideológico pelo qual a promessa é reconhecida e desconhecida simultaneamente nos sujeitos.

O compromisso do Estado, materializado na virtualidade da lei, tem eficácia imaginária ao funcionar como uma espécie de outorga da responsabilidade individual dos cidadãos. Um compromisso que produz efeito de resolução ao simplificar processos historicamente complexos e permitir que o sujeito (re)(des)conheça, na própria estrutura jurídica, os caminhos permitidos para a mudança desejada no social.

Muito embora o Brasil esteja às voltas com outras problemáticas, a promessa (de paz?) parece, ainda hoje, agenciar dizeres e capturar sujeitos. Se não fosse assim, como explicar os últimos movimentos de um eleitorado que, embora derrotado nas urnas, manifesta seu desejo de um futuro não democrático para o País? Tendemos a crer que tais movimentos ligam-se a promessas, mecanismos discursivos de engajamento, que requerem de nós atenção. Com efeito, temos dado escuta às cadeias de necessidades impostas jurídica ou politicamente na atual conjuntura, a partir de dizeres que constantemente reafirmam a eficácia imaginária de um compromisso do Estado e de suas entidades. Desse modo, as questões da pesquisa se atualizam, demonstrando a pertinência de uma discussão que parece não ter se encerrado com a diluição do projeto das Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs).

## **A INSOLÊNCIA NOS MOVIMENTOS DO SOCIAL**

Nas fronteiras do social, os protestos, as ocupações, as greves, as revoltas, os movimentos sociais e as diferentes formas de manifestação disputam pela estabilização de sentidos. Efeito de um social dividido, os *movimentos do social* irrompem sob diferentes formas, por vezes imprevisíveis, expondo os tensionamentos inerentes à ordem vigente, constituída por classes sociais e formações discursivas em contradição. Ponto nevrálgico nas sociedades capitalistas, os movimentos do social comparecem em todo o percurso de produção de nosso grupo de pesquisa.

Entre os diferentes olhares possíveis, os movimentos podem ser compreendidos em relação à insolência. Os movimentos do social, eventualmente, em diálogo com o não sentido, desafiam os princípios reproduzidos pela ordem capitalista, tais como os sentidos de propriedade e violência e as regras estruturais do sistema econômico. O vislumbre do não sentido coloca em jogo o acontecimento da insolência no interior dos movimentos do social, conforme análises presentes na tese *Movimentos insolentes interditados: uma*

*análise discursiva de sentenças judiciais* (BENAYON, 2021). A insolência, de forma imprevisível, irrompe das disputas latentes, ameaçando a administração de sentidos fundamentais para a manutenção da ordem.

Pêcheux (2009, p. 278) afirma: “O lapso e o ato falho (falhas do ritual, bloqueio da ordem ideológica) bem que poderiam ter alguma coisa de muito preciso a ver com esse ponto sempre-já aí, essa origem não-detectável da resistência e da revolta”, e conclui: “formas de aparição fugidias de alguma coisa ‘de uma outra ordem’, vitórias ínfimas que, no tempo de um relâmpago, colocam em xeque a ideologia dominante tirando partido de seu desequilíbrio”. A insolência é a falha inscrita no ritual dos movimentos do social que materializa o alhures, compreendido como uma das “formas de aparição fugidias de alguma coisa ‘de uma outra ordem’”. Falha que faz ressoar o não sentido e cuja aparição fugidia faz tremer os sentidos administrados pelo Estado. As disputas já bem geridas e os antagonismos enrijecidos são postos em questão.

A descrição do funcionamento da insolência foi possibilitada a partir da análise de alguns movimentos do social, especialmente, os protestos de Junho de 2013 (BENAYON, 2021). Em meio ao equívoco constitutivo desses protestos, alguns manifestantes foram denunciados pelo Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro, acusados de cometer os delitos de associação criminosa e de corrupção de menores. Esses manifestantes foram qualificados como dotados de “personalidade distorcida” e praticantes de uma “conduta social reprovável”. Ao protestarem, eram acusados de executar e participar de “ações diretas (atos de violência e vandalismo) contra policiais militares e símbolos do poder e do capitalismo” (RIO DE JANEIRO, 2018).

Confrontar o poder instituído, reagindo às balas de borracha e às bombas de gás lacrimogêneo lançadas pela polícia e quebrando vidraças de bancos e de lojas de automóveis, é significado como “atos de violência e vandalismo”. “Vandalismo” não apenas contra agentes das forças repressivas, mas, principalmente, contra a primazia da propriedade privada e a administração dos sentidos de violência. Os manifestantes expuseram a brutalidade da polícia e dos símbolos do poder e do capitalismo, reivindicando sentidos outros para violência, em contradição à ordem vigente. Os sentidos reproduzidos pelo estado de coisas existentes foram ameaçados pela insolência dos protestos, que, momentaneamente, jogavam com a possibilidade de uma outra realidade, alhures.

Os movimentos do social e a insolência podem ser compreendidos de forma ampliada, não limitados a protestos, ocupações, greves, revoltas, manifestações, mas funcionando também em memoriais, como o do Jacarezinho (BENAYON, 2023), e em placas de rua e estátuas, como as de Marielle Franco (LAGAZZI; BENAYON, no prelo).

Conforme publicado em *A insolência nos movimentos do social: sentidos interditados na favela do Jacarezinho* (BENAYON, 2023), o memorial do Jacarezinho foi marcado pelo protagonismo da Polícia Civil em uma das maiores chacinas do Rio de Janeiro, ocorrida em 6 de maio de 2021. Um ano após o massacre, em maio de 2022, um memorial em homenagem às vítimas do extermínio foi instalado em uma rua localizada na comunidade homônima. A homenagem é ressignificada e interdita pela polícia, de forma que as “vítimas” são significadas a partir de um funcionamento maniqueísta, reduzido à dicotomia polícia e traficante. A negação do crime cometido pela polícia é justificada pela culpabilização da vítima, conforme funcionamento descrito em *Cinismo e necropolítica: práticas discursivas do Estado no caso da menina Ágatha* (ANJOS, BENAYON, 2021, p. 242-243).

O memorial explicita como os moradores do Jacarezinho, e de outras favelas, morrem por conta de uma política estatal racista, empenhada em eliminar corpos que vivem às margens, sobretudo, negros. Explicita também a banalização da morte e da

chacina, normalizada pelo Estado. A lembrança desse absurdo, significado em contradição aos sentidos reproduzidos pela Polícia Civil, joga com a estabilidade da administração da reprodução da ordem existente. A insolência coloca o não sentido de um mundo outro, onde o Estado não mate deliberadamente determinados corpos. O Aparelho Repressor, então, interdita a possibilidade de a memória da chacina policial produzir sentidos que responsabilizem o Estado. Em 11 de maio de 2022, após uma semana de sua instalação, os policiais derrubaram o memorial.

Os movimentos do social, manifestando-se sob diferentes formas, podem atemorizar a ordem capitalista, jogando sempre com a possibilidade de irrupção da insolência. A insolência, quando instalada, sofre rapidamente a tentativa de interdição pelas forças repressivas, sob a ameaça de que o alhures, o não sentido transforme-se em sentido e, assim, as “formas de aparição fugidias de alguma coisa ‘de uma outra ordem’” (PÊCHEUX, 2009, p. 278) transformem a ordem existente.

### **A IMAGEM DO CORPO-PALHAÇO EM PROTESTO**

Os protestos, compreendidos como movimentos do social, estão fortemente presentes no percurso de produção de nosso grupo de pesquisa. A partir de fotografias, temos descrito o funcionamento de discursividades nas quais o nariz de palhaço comparece como um significante que produz, entre tantos efeitos de sentido, os de insatisfação, denúncia e crítica em diferentes protestos sociais. Nas manifestações de rua brasileiras que ocorreram nos últimos 20 anos, quando a máscara palhacesca era uma constituinte da formulação dos corpos dos sujeitos, a disputa de sentidos foi um motor.

Na tese (*Não*) *sou* palhaço: *o disputado nariz vermelho nas manifestações de rua no Brasil*, a análise dos materiais nos permitiu ver que o corpo-palhaço em protesto (OSTHUES, 2023) pôde significar, em determinadas condições de produção substancialmente heterogêneas, por exemplo, o descontentamento de sujeitos que se afirmavam palhaços: a) ora por terem sido enganados, trapaceados, usurpados etc., mas que não aceitavam essa condição; b) ora para ridicularizarem, debocharem de, confrontarem um outro que era seu alvo de crítica. Então, chegamos à compreensão do nariz de palhaço como objeto paradoxal (PÊCHEUX, 2015 [1983]) e a desigualdade entre diferentes objetos paradoxais (BENAYON, 2018).

O gesto de portar um nariz de palhaço em uma manifestação de rua, a partir de distintas posições de sujeito, significa diferentemente, ainda que um determinado sentido produza o imaginário de universalidade. O nariz de palhaço, constituído simbolicamente pela divisão, quando submetido à lei da desigualdade que rege o interdiscurso, é disputado por diferentes formações discursivas. A disputa entre formações discursivas (com dominantes e dominadas) produz a estabilização de um sentido de palhaço em detrimento do outro. No caso das condições de produção consideradas em algumas de nossas análises (OSTHUES, 2018, 2019), o corpo-palhaço em protesto produziu, de forma privilegiada, os sentidos de enganação, trapaça, usurpação etc. Apesar disso, as mudanças conjunturais no Brasil nos últimos anos favoreceram que a ridicularização, o deboche e o confronto pela via da irreverência também pudessem ocorrer como efeitos de sentido do corpo que se formula palhaço em manifestações de rua. Esse foi o caso das Tropas de Nhoque (figura 1), grupos formados por sujeitos que utilizaram narizes de palhaço, escudos de papelão (com a inscrição NHOQUE), armas de brinquedo etc. para parodiar as violentas operações das Polícias Militares que ocorreram durante e posteriormente aos protestos de Junho de 2013.



Figura 1: Porto Alegre (RS), 07/09/2013<sup>10</sup>

A paródia textualizada na fotografia, por seu funcionamento constitutivamente interdiscursivo, cria um espaço entre as diferentes formações discursivas em disputa, que potencializa o descolamento de sentidos estabilizados e produz o deslocamento possível, conforme indicamos no artigo *Paródia e deslocamento de sentidos: a Tropa de Nhoque entra em cena* (BENAYON; OSTHUES; LAGAZZI, 2019). Atualiza-se, assim, um discurso anterior – o da violência policial (CHOQUE) –, produzido pelo Aparelho Repressivo de Estado (ALTHUSSER, 1980), cujas práticas são ridicularizadas por soldados-palhaços. Apresentando-se como uma sátira dos militares, o *corpo-palhaço* cuja imagem constitui a formulação da fotografia, ao ser remetida ao interdiscurso, desdobra-se em imagens que explicitam a dissimetria de forças entre os policiais e os manifestantes que foram brutalizados outrora.

Por outro lado, entre diferentes objetos paradoxais, também há o funcionamento da desigualdade que produz a dominância de uns sobre os outros. No artigo *Máscaras em corpos de manifestantes em junho de 2013* (BENAYON; OSTHUES, 2019), analisamos a desigualdade e a estabilização entre o já referido nariz de palhaço e a máscara que mimetiza o semblante de Guy Fawkes, um especialista em explosivos participante da Revolução da Pólvora (1605) na Inglaterra. Essa máscara apareceu pela primeira vez na série de quadrinhos *V de Vingança*, e, posteriormente, passou a ser significada como símbolo do movimento Anonymous, que preconizou ataques digitais a sistemas públicos e privados desde o início dos anos 2000. Em junho de 2013, a máscara passou a circular nas manifestações de rua brasileiras, concorrendo com outras – inclusive, com a do palhaço.



Figuras 2 e 3: São Paulo (SP), 11/06/2013;<sup>11</sup> Belém (PA), 26/06/2013<sup>12</sup>

<sup>10</sup> Foto: Dani Berwanger/Arquivo pessoal (Facebook). Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10200675807079384>. Acesso em: 30 jun. 2019.

<sup>11</sup> Foto de Drago (SelvaSP). Fonte: Folha de S. Paulo. Veja cerca de 200 gritos de protesto dos manifestantes em SP. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/2013/06/1300497-veja-cerca-de-200-gritos-de-protesto-dos-manifestantes-em-sp.shtml>. Acesso em: 30 jul. 2018.

<sup>12</sup> Foto de Igor Mota (Futura Press/Estadão Conteúdo). Fonte: UOL Vestibular. Manifestações de junho de 2013: Qual é o saldo dos protestos um ano depois? Disponível em: <https://vestibular.uol.com.br/resumo-das-disciplinas/atualidades/manifestacoes-de-junho-de-2013-qual-e-o-saldo-dos-protestos-um-ano-depois.htm>. Acesso em: 19 jul. 2018.

Apesar de ambas as máscaras atualizarem memórias de insurgência, uma interdição jurídica fez com que a máscara de Guy Fawkes fosse proibida de circular. Em conjunto com a memória de insurreição que se atualiza pela máscara (Conspiração da Pólvora, V de Vingança, movimento Anonymous), o anonimato que ela implica sobre a face do sujeito produz algo insuportável para o Estado, que a deslegitima e persegue. A equivocidade do nariz de palhaço e o modo como essa máscara não esconde o rosto do sujeito, ao contrário, parecem abrandar a memória de um levante explosivo. Entretanto, isso não quer dizer que também uma bolinha vermelha sobre o nariz de um sujeito que se insurge não seja capaz de constranger, criticar e apontar descabidos.

## A RESISTÊNCIA EM SEUS MUITOS TRAJETOS

A diferença nos convoca, seja no conjunto sedutor das diferentes materialidades significantes, seja nas temáticas que nos enlaçam e demandam a nossa escuta discursiva em um social tão esgarçado. Em seus muitos modos de circular e ser praticada, a resistência vai fazendo história no social e deixando marcas possibilidades para sentidos ainda não legitimados. Seja nas falhas da tecnologia digital; nos laços equívocos com que o “eu” se formula no social; na produção do conhecimento que escapa à algoritmização; na compreensão de que o “efeito de resistência” imobiliza as lutas; na escuta das diferentes formas de denúncia que gritam no social; nos *(r)esistires* que entrelaçam dureza e doçura, vida e trabalho; nas respostas que trazem perguntas não formuladas; no olhar para as comunidades marginalizadas em suas reivindicações desconsideradas pelo Estado; na insolência que irrompe e faz luta; na equivocidade do nariz de palhaço que protesta, desconcerta, critica... O social resiste no sujeito.

## REFERÊNCIAS

- ADORNO DE OLIVEIRA, Guilherme. *Discursos sobre o eu na composição autoral dos vlogs*. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015. 170 p.
- ADORNO, Guilherme. Visualizar, ler e compreender o dicionário Priberam: divisões políticas da língua no limiar do linguístico e do visual. *Línguas e Instrumentos Linguísticos*, Campinas, v. 42, n. 42, p. 98-138, 2018. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/lil/article/view/8661572>. Acesso em: 02 mai. 2023.
- ADORNO, Guilherme. Algoritmizar a língua?: automatização, informatização, materialismo discursiva. *Línguas e Instrumentos Linguísticos*, Campinas, n. 44, p. 174–197, 2019. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/lil/article/view/8657798>. Acesso em: 02 mai. 2023.
- ADORNO, Guilherme; NOGUEIRA, Luciana. *O sujeito discursivizado como empresa no YouTube: trabalho e condições (digitais) de produção*. *Leitura*, Maceió, n. 76, p. 316-329, 2023. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/14284>. Acesso em 10 ago. 2023.
- ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado*. 3 ed. Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes, 1980.
- ANJOS, Liliane S.; *O funcionamento discursivo da promessa de pacificação*. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2021. 181 p.
- ANJOS, Liliane S.; BENAYON, Flavio. Cinismo e necropolítica: práticas discursivas do Estado no caso da menina Ágatha. In: FLORES, Giovana B.; GALLO, Solange M. L.; NECKEL, Nádia. R.; DALTOÉ, Andreia. S.; SILVEIRA, Juliana.; MITTMAN, Solange; LAGAZZI, Suzy; PFEIFFER, Cláudia.; ZOPPI-FONTANA, Mónica (org.). *Discurso, Cultura e Mídia: pesquisas em rede*. Campinas: Editora Pontes, 2021. v. 4. p. 711-727.
- BENAYON, Flavio. Objetos paradoxais desiguais. *Letras*, Santa Maria, v. 28, n. 56, p. 185-208, jan./jun., 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/31077>. Acesso em: 02 mai. 2023.

- BENAYON, Flavio. *Movimentos insolentes interditados: uma análise discursiva de sentenças judiciais*. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2021. 147 p.
- BENAYON, Flavio. A insolência nos movimentos do social: sentidos interditados na favela do Jacarezinho. *Leitura*, Maceió, v.76, n. 1, p. 250-266, mai./jul., 2023. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/14195>
- BENAYON, Flavio da R.; OSTHUES, Romulo S. Máscaras em corpos de manifestantes em junho de 2013. In: FLORES, Giovanna G. B. et al. (org.). *Discurso, cultura e mídia: pesquisas em rede*. v. 3. Santiago: Ed. Oliveira Books, 2019. p. 148-168. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/349316234\\_Mascaras\\_em\\_corpos\\_de\\_manifestantes\\_e\\_m\\_junho\\_de\\_2013](https://www.researchgate.net/publication/349316234_Mascaras_em_corpos_de_manifestantes_e_m_junho_de_2013). Acesso em: 16 mar. 2023.
- BENAYON, Flavio da R.; OSTHUES, Romulo S.; LAGAZZI, Suzy. Paródia e deslocamento de sentidos: a Tropa de Nhoque entra em cena. *Fragmentum*, Santa Maria, v. 54, p. 49-70, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/fragmentum/article/view/38830>. Acesso em: 16 mar. 2023.
- BRASIL. Ministério da Defesa. *Diretriz Ministerial nº 15, de 04 de dezembro de 2010*. Disponível em: <https://www.gov.br/defesa/pt-br/centrais-de-conteudo/noticias/ultimasnoticias/04122010-defesa-diretriz-ministerial-no-152010>. Acesso em: 12 set. 2021.
- CARNEIRO, Henrique Soares. Rebeliões e ocupações de 2011. In: HARVEY, David et al. *Occupy: movimentos de protesto que tomaram as ruas*. São Paulo: Boitempo/Carta Maior, 2012. p. 07-14.
- CORRÊA, Kellen Cristina. *Identidades fal(h)(t)antes: testemunho e equívocidade no documentário autobiográfico*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2020. 126 p.
- FERRAÇA, Mirielly. *(R)esistir no Jardim Itatinga: laços entre sujeitos e espaço urbano*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 2019. 287 p.
- LAGAZZI, Suzy. *O desafio de dizer não*. Campinas: Pontes Editores, 1988.
- LAGAZZI, Suzy. *A discussão do sujeito no movimento do discurso*. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998. 120 p.
- LAGAZZI, Suzy. O recorte signficante na memória. *O Discurso na Contemporaneidade: materialidades e fronteiras*. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina L.; MITTMANN, Solange (org.). São Carlos: Claraluz, 2009. p. 67-78.
- LAGAZZI, Suzy. Análise de Discurso: a materialidade signficante na história. *Linguagem, História e Memória – discursos em movimento*. DI RENZO, Ana Maria; DA MOTTA, Ana Luiza A. R.; OLIVEIRA, Tânia P. de (org.). Campinas: Pontes Editores, 2011. p. 275-290.
- LAGAZZI, Suzy. Paráfrases da imagem e cenas prototípicas: em torno da memória e do equívoco. In: FLORES, Giovana; GALLO, Solange; LAGAZZI, Suzy; NECKEL, Nádia; PFEIFFER, Cláudia.; ZOPPI-FONTANA, Mônica (org.). *Análise de Discurso em Rede: Cultura e Mídia*. Campinas: Pontes, 2015. v. 1. p. 177-189.
- LAGAZZI, Suzy. Resistência Simbólica. In: MARIANI, Bethania (coord.). *Enciclopédia Virtual de Análise do Discurso e áreas afins (Encidis)*. Niterói: UFF, 2019. Disponível em: <https://youtu.be/I8xWY2wjiD0>. Acesso em: 10 abr. 2023.
- LAGAZZI, Suzy. A imagem em sua potência de captura simbólica. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, v. 18, n. Esp., p. 5890-5902, jun. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/79657/46890>. Acesso em: 28 fev. 2022.
- LAGAZZI, Suzy; BENAYON, Flavio. *Marielle Franco: nome que resiste num corpo que fala*. No prelo.
- MODESTO, Rogério. *Movimentos (d)e resistência no espaço urbano*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014. 170 p.
- MODESTO, Rogério. *Você matou meu filho e outros gritos: um estudo das formas da denúncia*. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018. 244 p.
- MODESTO, Rogério; ANJOS, Liliane; BENAYON, Flavio. Por uma escuta da dor. In: SALLES, Atilio C.; LUNKES, Fernanda. L.; BRANCO, Luiza C. (org.). *Afeto(s) e(m) discurso: movimentos dos sujeitos e dos sentidos na história*. São Carlos: Pedro & João, 2022. v. 1. p. 237-262.
- MUÑOZ, César. Polícia civil do Rio de Janeiro derruba memorial sobre violência policial. *Human Rights Watch*, 2022. Disponível em: <https://www.hrw.org/pt/news/2022/05/13/rio-police-tear-down-memorial-about-police-violence>. Acesso em: 26 mar. 2022.
- NECKEL, Nádia R. M. *Tessitura e Tecedura: movimentos de compreensão do discurso artístico no audiovisual*. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010. 239 p.

- NUNES, José H. *Dicionários no Brasil: análise e história do século XVI ao XIX*. Campinas: Pontes, 2006.
- NUNES, Sílvia R. *A geometrização do dizer no discurso do infográfico*. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010. 239 p.
- OSTHUES, Romulo S. O panelaço é uma palhaçada? Cenas prototípicas de um sujeito em protesto carnavalizando o político. In: *IV CONFERÊNCIA INTERNACIONAL GREVES E CONFLITOS SOCIAIS*. Trabalho completo. São Paulo, SP, Universidade de São Paulo. p. 1-16, 2018.
- OSTHUES, Romulo S. Um decalque da cena prototípica: corpo, panela, nariz de palhaço (re)traçados na memória. In: ADORNO, Guilherme; MODESTO, Rogerio; FERRAÇA, Mirielly; BENAYON, Flavio da R.; ANJOS, Liliane; OSTHUES, Romulo S. (org.). *O discurso nas fronteiras do social – uma homenagem à Suzy Lagazzi*. Campinas: Pontes, 2019. v. 1. p. 159-184.
- OSTHUES, Romulo S. *(Não) sou palhaço: o disputado nariz vermelho nas manifestações de rua no Brasil*. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2023. 216 p.
- PÊCHEUX, Michel. Delimitações, inversões, deslocamentos. Tradução: José Horta Nunes. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, IEL/Unicamp, n. 19, p. 7-24, jul./dez. 1990.
- PÊCHEUX, Michel. Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação. In: PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.
- PÊCHEUX, Michel. Ideologia – aprisionamento ou campo paradoxal? In: PÊCHEUX, Michel. *Análise de Discurso: Michel Pêcheux – textos escolhidos por Eni Puccinelli Orlandi*. 4 ed. Campinas: Pontes, 2015 [1983].
- PÊCHEUX, Michel. Leitura e Memória: Projeto de Pesquisa. In: PÊCHEUX, Michel. *Análise de Discurso: Michel Pêcheux – textos escolhidos por Eni Puccinelli Orlandi*. 4 ed. Campinas: Pontes, 2015 [1980].
- RELATÓRIO da Anistia Internacional do Brasil. *A violência não faz parte desse jogo: risco de violações de direitos humanos nas Olimpíadas Rio 2016*. Rio de Janeiro: Anistia Internacional, 2016.
- RIO DE JANEIRO. *Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro*. (Comarca da Capital). Processo 0229018-26.2013.8.19.0001. Ação Penal. Autor: Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro. Acusado: Elisa Q. P. Sanzi [et al]. Relator: Juiz Flávio I. O. Nicolau. Rio de Janeiro, 17 de julho de 2018. Disponível em: [https://apublica.org/wp-content/uploads/2018/07/rad0DF0D.tmp\\_.pdf](https://apublica.org/wp-content/uploads/2018/07/rad0DF0D.tmp_.pdf). Acesso em: 26 mar. 2023.
- SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Linguística Geral*. 9. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1972 [1916].

Recebido: 3/5/2023

Aceito: 4/8/2023

Publicado: 19/9/2023